

# **Estudos de historiografia linguística portuguesa**

Sónia Duarte  
Rogelio Ponce de León  
ORGS.

Porto, FLUP, 2019

## FICHA TÉCNICA

TÍTULO: Estudos de historiografia linguística portuguesa

ORGANIZAÇÃO: Sónia Duarte, Rogelio Ponce de León

EDIÇÃO: Faculdade de Letras da Universidade do Porto e CLUP - Centro de Linguística da Universidade do Porto

ANO DE EDIÇÃO: Impresso em maio de 2019

COLEÇÃO: FLUP e-DITA

EXECUÇÃO GRÁFICA: Gráfica Firmeza Lda. / Porto

TIRAGEM: 100 exemplares

DEPÓSITO LEGAL: 455686/19

ISBN: 978-989-54291-8-9

ISSN: 1646-1525

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto «UID/LIN/00022/2019».

# CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEORIA LINGÜÍSTICA NAS GRAMÁTICAS LATINAS DE ANTÓNIO PEREIRA DE FIGUEIREDO (1752-1753) E LUÍS ANTÓNIO VERNEY (1758)

**RESUMO:** No trabalho são analisadas as características teóricas subjacentes ao *Novo methodo da grammatica latina, para uso das escolhas da Congregação do Oratorio* (Lisboa 1752-1753), do oratoriano António Pereira de Figueiredo, e à *Gramatica latina, tratada por um metodo novo, claro e facil* (Barcelona [?] 1758), de Luís António Verney, obras metalingüísticas que constituem o contraponto gramatical aos manuais para o ensino da língua latina que se utilizavam, em meados do século XVIII, nas escolas portuguesas da Companhia de Jesus, e que, de certo modo, prenunciam as decisões político-pedagógicas que se concretizam no Alvará régio de 28 de junho de 1759, no qual é proibido o uso, para o ensino do latim, dos celebérrimos *De institutione grammatica libri tres*, do Padre jesuíta Manuel Álvares, bem como dos comentadores da arte alvaresiana. Estas obras metalingüísticas objeto de estudo serão analisadas internamente e, apesar de serem gramáticas de tipo filosófico ou racionalista, são também relacionadas e comparadas entre si, determinando os pontos de convergência e divergência. São ainda determinadas as fontes das gramáticas em análise, quer as estrangeiras, quer as nacionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sintaxe; gramaticografia latino-portuguesa; historiografia linguística; século XVIII

**ABSTRACT:** This paper analyzes the theoretical characteristics underlying the *Novo methodo da grammatica latina, para uso das escolhas da Congregação do Oratorio* (Lisboa 1752-1753), by the Oratorian António Pereira de Figueiredo, and the *Gramatica latina, tratada por um*

*metodo novo, claro e facil* (Barcelona [?] 1758), by Luís António Verney, metalinguistic works that constitute the grammatical counterpoint to the manuals for the teaching of the Latin language that were used in the middle of the XVIII century in the Portuguese schools of the Society of Jesus, and that, in a certain way, foreshadow the political-pedagogical decisions that are concretized in the *Alvará régio* of June 28, 1759, in which the use of the famous "*De institutione grammatica libri tres*, by the Jesuit Father Manuel Álvares as well as the commentators of the Alvares textbook were prohibited for the teaching of Latin. These metalinguistic works are analyzed internally and compared with each other, determining the points of convergence and divergence. The sources of the grammars, both foreign and national, are also established.

**KEYWORDS:** Syntax; Latin-Portuguese gramaticography; linguistic historiography; 18th century

## 1 – INTRODUÇÃO

É bem conhecido (Freire 1964; Andrade 1981: 21-46; Ponce de León 2005: civ-cxv) o conturbado ambiente cultural e sociopedagógico do Portugal da primeira metade do século XVIII que teve como resultado a publicação do Alvará Régio de 28 de junho de 1759, com o suplemento intitulado *Instruções para os professores de grammatica latina, grega, hebraica, e de rhetorica*, e a posterior expulsão da Companhia de Jesus em 3 de setembro do mesmo ano. Um dos motivos de confronto mais salientes era constituído pelo ensino do latim, ministrado pelos jesuítas, bem como os manuais utilizados por eles: os *De institutione grammatica libri tres* (Lisboa 1572) de Manuel Álvares (1526-1583) – a gramática que servia, desde o último quartel do século XVI, para a instrução nas letras latinas –, junto com os materiais que a explicavam, traduziam e resumiam – os *cartapácios* (Ponce de León 2001; Kemmler 2013: 161-163) –. A este respeito, uma das críticas mais acesas e sistemáticas pode ser lida, como é bem sabido, no *Verdadeiro metodo de estudar* (Valensa [?] 1746) de Luís António Verney (1713-1792), em cujo primeiro volume trata do ensino do latim. Com efeito, na obra referida, pode observar-se que a denúncia contra o *método antigo* dos jesuítas se orienta para dois planos:

a) o número excessivo de materiais (os *cartapácios*) que se utilizavam nas aulas de gramática para traduzir, explicar e comentar os preceitos alvarísticos – sobre os quais, Telmo Verdelho afirma que envolviam “de modo parasitário a obra de Manuel Álvares” (1995: 355) –:

Quando entrei neste Reino, e vi a quantidade de Cartapacios, e Artes que eram necessarias, para estudar somente a Gramatica; fiquei pasmado. Falando com V. P. algumas vezes, me lembro, que lhe-toquei este ponto: e que nam lhe dezagradáram as minhas reflexoens, sobre

esta matéria. Sei, que em outras partes, onde se-explica a Gramatica de Manoel Alvares, tambem lhe-acrecentam algum livrinho: mas tantos como em Portugal, nunca vi. As declinaçoens dos-*Nomes*, e *Verbos* estudam pola Gramatica Latina, a este se-segue um Cartapacio Portuguez, de *Rudimentos*, despois outro, para *Generos*, e *Preteritos*, muito bem comprido, a este um de *Sintaxe*, bem grande, despois um livro, a que chamam *Chorro*, a que chamam *Promptuario*: polo qual se-aprendem os escólios de Nomes e Verbos, e nam sei que mais livros á. E parece-lhe a V. P. pouca matéria de admirasam, quando tudo aquilo se-pode compreender, em um livrinho em 12.º e nam mui grande? (Verney 1746: I, 59);

b) os traços teóricos e metodológicos que subjaziam à gramática alvaresiana e aos manuais que a comentavam, considerados *confusos* e *difusos*; perante a *nova gramática* de Francisco Sánchez de las Brozas – Sanctius, o Brocense – (1523-1601), Caspar Schoppe – Scioppius – (1576-1649) e Gerrit Janszoon Vos – Vossius – (1577-1649), que Verney julga *clara* e *certa*:

A estes trez grandes omens [Sanctius, Scioppius e Vossius], seguiram em tudo e por-tudo os melhores Gramaticos, que despois ouveram: e devem seguir, os que tem juizo para conhecer, como se deve estudar a Latindade. Por-França, Alemanha, Olanda, Italia, e outras partes se-dilatou este metodo: e alguns escreveram bellissimas Gramaticas, segundo os tais principios. A razam porque nam se-propagou mais é, porque pola maior parte os estudos da-Mocidade, sam dirigidos por-alguns Religiozos, que seguem outras opinioens. Os doutíssimos Jezuitas, ensinam grande parte da-Mocidade, em varias partes da-Europa: e nam querendo apartar-se, do-seu Manoel Alvares, rejeitáram todas as novas Gramaticas. Alguns destes Religiozos, que trato familiarmente, e estimo muito pola sua doutrina, e piedade; me-disseram claramente, que bem viam, que o Alvares era confuso, e difuzo; e que as outras eram melhores: nem se-podia negar, que os principios de Scioppio fosem claros, e certos: mas que P. Geral nam queria, se-apartasem do-P. Alvares, por-ser Religiozo da-Companhia. Este é o motivo, porque o P. Alvares se-conservou, nas escolas dos-tais Religiozos: e esta tambem a origem da-tenacidade, com-que muitos seguem, aquilo mesmo que condenam (Verney 1746: I, 63).

Como acaba de ser adiantado, esta polémica pedagógica e gramatical finalizou com a publicação do Alvará Régio e das *Instrucçoens* de 28 de junho de 1759, no qual são proibidos os manuais alvarísticos (gramática e cartapácios), ao passo que se prescrevem as gramáticas para o ensino do latim: a *Grammatica da lingua latina*<sup>1</sup> (Lisboa 1737) de António Félix Mendes (1706-1790) e o *Novo methodo da grammatica latina*<sup>2</sup> (Lisboa 1752-1753)

<sup>1</sup> Esta obra parece ser uma revisão da *Grammatica latina* (Lisboa 1627) de Domingos de Araújo (Kemmler 2013: 164; Lupetti 2015: 60). A obra – que bem merece um estudo monográfico –, precisamente pela dívida com a gramatografia do século XVII, fica fora do presente trabalho.

<sup>2</sup> O extenso prólogo à primeira parte desta gramática foi recentemente analisado por Kemmler, Coelho & Fontes (2014; 2016). O *Novo methodo* foi, na sua primeira edição, publicado em dois tomos: o primeiro volume, publicado em 1752, desenvolve aspetos das partes da oração e da métrica (Kemmler, Coelho & Fontes 2014: 51); o segundo, editado no ano seguinte, é dedicado à sintaxe (Ponce de León, 2018). A partir da segunda edição (Lisboa 1754), foram publicadas as duas partes num só volume (Kemmler, Coelho & Fontes 2014: 42) e foi dada ao prelo uma refundição da obra, publicada pela primeira vez em Lisboa, em 1758. Quer na sua versão integral, quer na compendiada, esta obra teve uma difusão editorial muito considerável (Silva 1858: I, 224-225).

do oratoriano António Pereira de Figueiredo (1725-1797)<sup>3</sup>. Neste sentido, o Alvará Régio assinala em Portugal uma viragem no paradigma gramatical, quer do ponto de vista teórico, quer do ponto de vista metodológico, com consequências decisivas na produção gramaticográfica da segunda metade do século XVIII – aspeto este que começámos a estudar recentemente (Ponce de León, 2018) –. No presente trabalho, deter-nos-emos nos traços teóricos que pautam esta mudança de paradigma, considerando como objeto de análise o *Novo methodo* de Figueiredo e uma obra que não refere o Alvará Régio, mas cujo estudo, no contexto gramaticográfico português, se justifica plenamente pelas características teórico-metodológicas inovadoras e pela repercussão na gramaticografia latino-portuguesa da segunda metade do século XVIII. Estamos a referir-nos à *Gramatica latina tratada por um metodo novo, claro, e facil* (Barcelona [?] 1758) de Luís António Verney – embora publicado anonimamente na sua primeira edição –, que teve uma considerável difusão editorial até aos primeiros anos do século XIX<sup>4</sup>.

## 2 – FUNDAMENTOS TEÓRICOS NAS GRAMÁTICAS DE FIGUEIREDO E VERNEY

Para o estudo da teoria linguística no *Novo methodo* de Figueiredo e a *Gramatica latina* de Verney, parece-nos necessário considerar cinco parâmetros de análise:

- i) fontes referidas na introdução às obras gramaticais;
- ii) caracterização da noção de gramática;
- iii) tipologia das classes de palavra;
- iv) caracterização das partes da oração “nucleares”;
- v) eixos configuradores da sintaxe<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> “Nem nas ditas Classes, nem em outras algumas destes Reinos, que estejam estabelecidas, ou se estabelecerem daqui em diante, se ensinará por outro Methodo, que não seja o Novo Methodo da Grammatica Latina, reduzido a Compendio para uso das Escolas da Congregação do Oratorio, composto por Antonio Pereira da mesma Congregação: Ou a Arte da Grammatica Latina reformada por Antonio Felix Mendes, Professor em Lisboa. Hei por prohibida para o ensino das Escolas a Arte de Manoel Alvares, como aquella, que contribuiu mais para fazer difficultoso o estudo da Latinidade nestes Reinos. E todo aquelle, que usar na sua Escola da dita Arte, ou de qualquer outra, que não sejam as duas assima referidas, sem preceder especial, e immediata Licença Minha, será logo prezo para ser castigado ao Meu Real arbitrio, e não poderá mais abrir Classes nestes Reinos, e seus Dominios.

Destá mesma sorte prohibo que nas ditas Classes de Latim se use dos Commentadores de Manoel Alvares, como Antonio Franco; João Nunes Freire; José Soares, e em especial de Madureira mais extenso, e mais inútil; e de todos, e cada hum dos Cartapacios, de que até agora se usou para o ensino da Grammatica” (Silva [comp.] 1848 [1759]: 676).

<sup>4</sup> De acordo com os dados disponibilizados pela Biblioteca Nacional de Portugal, a *Gramatica latina* de Verney teve seis edições: Barcelona [?], 1758; Sevilha [?], 1768; Lisboa, 1775; Lisboa, 1785; Lisboa, 1790; Lisboa, 1816. Neste trabalho, não será analisada a evolução textual e – eventualmente – teórico-metodológica da gramática de Verney, tarefa esta que, no entanto, mereceria uma análise apurada.

<sup>5</sup> Sobre este ponto debruçámo-nos recentemente (Ponce de León, 2018).

Relativamente às fontes invocadas na introdução, podemos observar, muito especialmente nos extensos prólogos aos dois volumes ao *Novo methodo* de Figueiredo a explicitação dos autores consultados pelo padre oratoriano (Kemmler, Coelho & Fontes 2014: 43), a propósito de aspetos gramaticais que Figueiredo também referencia:

Pelo que toca ás doutrinas, e preceitos deste *Novo Methodo*; nelle fizemos todo o esforço por nos encostarmos sempre aos melhores, e mais exactos Grammaticos. Mas sendo muitos os que consultamos, escolhendo de cada hum o que melhor nos pareceo: com especialidade nos valemos, e ajudámos do grande estudo, que sobre a Grammatica Latina fez, e expoz á admiração e ao aplauso de todo o orbe literario, em sete grandes livros Gerardo Joaõ Vossio (Figueiredo 1752: xcix).

Na conjugação dos Verbos tirámos, ou confundimos com o Conjunctivo o modo, que chamaõ Optativo [...]. Entre tanto só advertimos aos Leitores, ter este sido o parecer de muitos Grammaticos de grande nome: como saõ entre outros, Jeronimo Ruscello, Nicodemo Frisquilino, Pedro Simaõ Abril, Gaspar Scioppio, Gerardo Joaõ Vossio, Claudio Lancelloto, José Laurenti, e Amaro de Roboredo.

No modo de pôr as Lingoagens do Infinitivo [...] seguimos dos Estrangeiros a Claudio Lancelloto, A Abril, e ao doutíssimo Jesuita Joaõ Luis de la Cerda [...]. Dos Portuguezes seguimos a Amaro de Roboredo, que no anno 1619. imprimio em Lisboa o seu *Methodo Grammatical*: a Joaõ de Barros, Autor entre nós da primeira plana, cuja *Grammatica de lingua Portugueza* vimos impressa em Lisboa, no anno 1540. e ao doutíssimo, e celeberrimo André de Rezende, no seu pequeno, mas eruditíssimo *commentario de Verborum Conjugatione*, impresso tambem em Lisboa no mesmo anno de 1540 (Figueiredo 1752: civ-cv).

Pelo que pertence ao modo de explicar algumas regras [da sintaxe], e apontar a causa de varias construcções; tenhaõ entendido os Leitores, que se em algum destes dous pontos nos apartámos do Padre Manoel Alvares, he porque nos pareceo melhor a doutrina de Francisco Sanches, de Gaspar Scioppio, de Gerardo Joaõ Vossio, do Padre Joaõ Luiz de la Cerda, de Claudio Lancelloto na Arte de Porto Real, e de Jacome Perizionio ilustrador de Sanches: todos seis Grammaticos da primeira plana, e nem a ciencia, nem a estimaçã publica inferiores ao Padre Manoel Alvares (Figueiredo 1753: iv).

É preciso enquadrar este critério – o da explicitação das fontes –, que aparentemente poderia surpreender pela forma detalhada como o autor o apresenta, para o poder perceber melhor, no clima sociopedagógico e gramaticográfico da época, caracterizado, como foi dito anteriormente, pelas críticas ao ensino do latim ministrado pelos padres da Companhia de Jesus e aos manuais que eram utilizados: a erudição filológica e a explicitação das fontes e autores tornavam-se, neste sentido, armas contra os adversários.

Das numerosas fontes que apresenta Figueiredo, pode detetar-se um núcleo de gramáticos enquadrados na tendência racionalista ou filosófica, entre os quais sobressaem Sánchez de las Brozas (o Brocense), Roboredo, Scioppius, Vossius<sup>6</sup> e

---

<sup>6</sup> Diferentemente do parecer de certos investigadores (Padley 1976: 131; Rademaker 1988), Eustaquio Sánchez Salor (2012: 580-593) sublinhou recentemente as divergências doutrinárias entre a gramática *sanctiana* e os *De arte grammatica libri septem* (ou *Aristarchus*) de Vossius, realçando o facto de esta ultima obra constituir, na verdade, uma gramática histórico-filológica. Embora aceitando as reservas deste investigador, enquadrámos, *lato sensu*, Vossius no paradigma racionalista, por este também parecer estar posicionado assim no pensamento linguístico de Figueiredo e de Verney.

Claude Lancelot (1615-1695), autores estes que aparecem também mencionados na introdução à gramática de Verney:

Nam duvido, que este meo Sistema dezagradará a duas sortes de pessoas: aos Gramaticos velhos, e tambem a alguns dos Modernos, que pensam diferentemente em algumas coizas. A ambas estas clases respondo previamente. Dos primeiros nam faso cazo nenhum, porque nam sam capazes de julgarem nestas matérias: e repetem sempre de novo aqueles argumentos, a que tem respondido mil vezes Sanches, Scioppio, Vossio, Lancelot, Perizonio, Ursino, Badenio &c. cujos autores eles nem lem, nem entendem (Verney 1758: L).

As fontes referidas indiciam, portanto, uma clara – e bem conhecida pelos investigadores – reorientação dos preceitos gramaticais para a doutrina racionalista, se bem que, no caso do *Novo methodo* de Figueiredo, esta preferência pela gramática filosófica se deva relativizar.

Com efeito, a orientação racionalista – não obstante haver certas divergências na abordagem entre as gramáticas em estudo – pode observar-se na caracterização da noção de gramática:

Figueiredo 1752	Verney 1758
<p>A grammatica Latina he huma Arte, ou Collecção de regras, e preceitos, que ensinaõ a fazer com acerto, e livre de erros a Oração Latina. Desta Oração, que he o fim da Grammatica, são partes as vozes, as syllabas, e as letras (p. 1).</p>	<p>A Gramatica Latina é a <i>Arte de falar o Latim sem erros, ou na terminasam das palavras, ou na uniam delas, ou na pronuncia das mesmas</i>. Isto è, ensina as regras fundamentais, que praticaram os antigos Autores Latinos nestes trez pontos, para os poder-mos entender bem, e compor Latim pelas mesmas regras.</p> <p>Desta definisam se conhece a diferença, que á entre <i>Gramatica</i>, e <i>Latinidade</i>. A <i>Gramatica</i> ensina a falar conforme as regras comuas de Etimologia, Sintaxe, e Prosodia. E quando se acham certos modos de falar diversos das regras comuas, a que chamam <i>Figuras</i>, ou Sintaxe Figurada; ensina a reduzir esas Figuras à Sintaxe Regular e comua, mostrando, que as tais Figuras se fundam nas regras comuas de Sintaxe. A <i>Latinidade</i> porem, supondo já sabidas as regras comuas de Gramatica, ensina o modo por que faláram os omens cultos na idade mais perfeita e aurea da lingua Latina (p. 1). [...] E para dizer tudo em duas palavras: a <i>Gramatica</i> ensina a formar o corpo da orasam Latina: e a <i>Latinidade</i> ensina a vestir e ornar ese mesmo corpo (p. 4).</p>

Tabela 1 – Caracterização da gramática



Como pode observar-se na Tabela 1, é Verney quem leva a cabo uma análise mais pormenorizada deste conceito; nela, são explicitados os três níveis em que operam as regras gramaticais: o fonético, o morfológico e o sintático, bem como a diferenciação dos conceitos de gramática e latinidade. No entanto, nos dois autores parece haver um nível prioritário cuja descrição torna-se a finalidade da gramática; estamos a referir-nos à sintaxe, da qual é focada a unidade de análise: a oração. Esta relação estreita de finalidade entre gramática e sintaxe, como é bem sabido, é preconizada na gramática de tendência racionalista, por exemplo, no Brocense<sup>7</sup>. Por outro lado, não nos deve admirar (dada a finalidade abertamente pedagógica destes dois manuais), nos dois gramáticos portugueses, a consideração da gramática como “arte” e não como ciência, porquanto este critério é consensual, à exceção de Giulio Cesare Scaligero (1484-1558)<sup>8</sup> – contra o qual argumenta Vossius ao longo do capítulo II do livro I do seu *De arte grammatica libri septem* (1685 [1635]: 6-8). –, nos gramáticos em maior ou menor medida racionalistas, desde o Brocense até Scioppius<sup>9</sup> e Vossius<sup>10</sup>.

Importa ainda sublinhar em Verney, a distinção, como foi adiantado linhas acima, entre gramática e latinidade; ou por outras palavras: a contraposição entre as frases gramaticalmente corretas segundo as regras gramaticais e o discurso literário, em certos casos, afastado – e muito especialmente no latim – do plano da construção gramatical. Neste ponto, Verney vai na esteira do Brocense, para o qual, citando Séneca, “[g]rammatici [...] sermonis latini custodes sunt, non auctores” (Sánchez de las Brozas 1995 [1587]: 42).

No que toca à classificação das partes da oração, importa realçar que há, nos dois gramáticos, consenso no estabelecimento de oito classes de palavra, coincidindo com a proposta de autores como Vossius (1685 [1635]: III, 8) ou Claude Lancelot no seu *Nouvelle methode pour apprendre facilement, et en peu temps la langue latina* (Paris 1644: 1):

<sup>7</sup> “Grammatica est ars recte loquendi, cuius finis est congruens oratio” (Sánchez de las Brozas 1576 [1562]: 1).

<sup>8</sup> “Grammatici igitur unus finis est, recte loqui. Quare in duo intendit: in partes, ut partes sunt, et in easdem ut inter se respondent ad compositionem. Nam quod addunt, recte scribendi artem esse: bis peccant. Neque enim ars est, sed scientia, neque necesse habet scribere, accidit enim scriptura você, neque aliter scribere debemos, quam loquamur” (Scaligero 1540: 2-3).

<sup>9</sup> “*Quid est Grammatica?* / Est ars recte loquendi. / *Quis est finis Grammaticae, cuius causa discitur?* / Oratio congruens, id est, cuius nulla pars sit, quae praeceptis artiss non congruat. / *Circa quid versatur ars Grammatica?* / Circa partes orationis” (Scioppius 1659 [1628]: 1). Nos últimos anos, alguns investigadores debruçaram-se sobre a relação doutrinal entre as ideias linguísticas do Brocense e a *grammatica philosophica* de Scioppius (Mañas Núñez 2010; Sánchez Salor 2012: 422-446).

<sup>10</sup> “Venio ad Grammatices naturam. Ea universe explicatur definitione. Definitio ab officio petitur. Estque Grammatices munus agere de sermonis puritate, quemadmodum Rhetoris de eius ornatu, Poeticae de metro. Itaque recte definitur, ars pure loquendi” (Vossius 1685 [1635]: I, 6).

Figueiredo 1752	Verney 1758
<p>As Vozes, de que, como partes, pôde constar a Oraçãõ Latina, se reduzem commumente a oyto, a saber; Nome, Pronome, Participio, Verbo, Preposiçãõ, Adverbio, Conjuncçãõ, Interjeiçãõ: ainda, que esta ultima (fallando rigorosamente) mais seja Oraçãõ, que parte da Oraçãõ [...]. De todas estas vozes hiremos tratando por sua ordem em seis Livros. No primeiro se tratará do Nome, Pronome, Participio [...]. No terceiro dos Verbos [...]. No quinto da Preposiçãõ, Adverbio, Conjuncçãõ, Interjeiçãõ [...] (p. 4).</p>	<p>Todas as palavras, que entram no discurso na orasam Latina, se reduzem a trez classes, <i>Nome, Verbo, Particulas</i>. Mas destas a primeira, e terceira dividem-se em outras espécies. O Nome compreende tambem os <i>Pronomes, e Participios</i>. As Particulas sam de 4. sortes: <i>Prepozisam, Adverbio, Conjunsam, Interjeisam</i>. Assimque podem-se contar 8. especies de palavras: <i>Nome, Pronome, Verbo, Participio, Prepozisam, Adverbio, Conjunsam, Interjeisam</i>. O <i>Nome, e Verbo</i>, que sam as principais, sam variaveis ou declinaveis (p. 5).</p>

Tabela 2 – Classes de palavra

No entanto, pode observar-se uma análise da classificação em dois níveis, que aparece de forma explícita ou implícita segundo as obras em análise. Em Verney, aparece, no trecho citado, de forma clara, porquanto as partes da oração são reduzidas, inicialmente, a três classes: nome, verbo e partículas – note-se que esta constitui, como é bem conhecido, a proposta do Brocense na sua *Minerva seu de causis linguae latinae* (1995 [1588]: 48)<sup>11</sup> –. No estabelecimento de dois níveis para a classificação das partes da oração, parece-nos que Verney se pôde ter baseado em gramáticos racionalistas, como Scioppius, que agrupa também as classes de palavra invariáveis sob a designação de *particulae*<sup>12</sup>. Quanto a Figueiredo, embora não explicita o duplo plano de análise das classes de palavra, julgamos que está presente no pensamento gramatical do padre oratoriano, dado que, no *Novo methodo*, a distribuição da matéria gramatical correspondente às partes da oração em três livros da parte I (livro I: nome, pronome e participio; livro III: verbo; livro V: preposição, advérbio, conjunção e interjeição) indicia a matriz tripartida proposta pelo Brocense.

<sup>11</sup> Contudo, no manual escolar – as *Verae brevesque grammatices latinae institutiones* (Lião 1662) –, o Brocense, como é bem conhecido, apresenta uma proposta aparentemente diferente de classificação, em seis classes de palavra, com um primeiro nível de análise cujo elemento diferenciador é a presença/ausência de número: “Voces omnes aut numeri participes sunt, aut expertes [...]. Voces numeri participes sunt. Nomen, Verbum, Participium. Expertes numeri: Praepositio, Adverbium, Coniunctio. Quae partes orationis appellantur” (Sánchez de las Brozas 1576 [1562]: 2).

<sup>12</sup> Seja como for, a influência é apenas parcial, visto que Scioppius apresenta o duplo nível de classificação das partes da oração proposto pelo Brocense – que foi apresentada na nota anterior –: “*Quot sunt genera vocum?* / Duo. Aliae enim vocês sunt participes numeri, aliae expertes numeri. [...] / *Quot sunt Voces numeri participes?* / Tres. *Nomen, Verbum, & Participium*. / *Quo sunt voces numeri expertes?* / Quatuor. *Praepositio, Adverbium, Coniunctio, & Interjectio*; quae quatuor communi nomine vocantur, Particulae (Scioppius 1659 [1628]: 3).

Quanto à caracterização das classes nucleares de palavra – nome e verbo –, apresentada na Tabela 3, notamos certas divergências nas obras metagramaticais objeto do presente estudo:

Figueiredo 1752	Verney 1758
Nome	
<p>A) Caraterização O Nome he huma voz, com que arbitrariamente se nomeaõ as cousas, suas qualidades, ou attributos, sem que por esta voz se exprima exercitarem-se ellas em determinado tempo: assim como <i>Coelum</i>, o Ceo; <i>Arbor</i>, a arvore; <i>Bonus</i>, bom; <i>Similis</i>, semelhante.</p>	<p><i>NOME</i> é uma palavra, com que significamos completamente qualquer coiza, ou sua qualidade. v. g. <i>Pedra</i>, e <i>branca</i>, que é a qualidade da pedra, sam nomes que significam inteiramente, e completamente, o <i>ser pedra</i>, e o <i>ser branca</i>. [...]</p>
<p>B) Subcategorização O Nome ou he substantivo, ou adjectivo. Substantivo he aquelle, que por si só, isto he, sem adjectivo, póde estar na Oraçaõ; como quando dizemos: <i>Poeta canit</i>, o Poeta canta. Adjectivo he aquelle, que para estar na Oraçaõ depende de algum substantivo claro, ou occulto, com quem concorde, e faça sentido completo [...]. O Nome substantivo ou he próprio, ou appellativo. Proprio he aquelle, que compete a huma só cousa, ou pessoa: assim como <i>Romulus</i>, Romulo [...]. Appellativo he aquelle, que compete, e he comum a muitas cousas, ou pessoas: assim como <i>Homo</i>, o homem [...] (pp. 5-6).</p>	<p>I. <i>SUSTANTIVO</i> é aquele, que significa qualquer coiza, ou sua qualidade, sem dependência de outra. isto é, significa por um modo independente, de maneira que o dito nome por si so pode fazer com o verbo um sentido perfeito [...]. <i>SUSTANTIVO PRÓPRIO</i> é aquele que significa uma coiza, ou pessoa certa: v. g. <i>Olisipo</i>, Lisboa: <i>Petrus</i>, Pedro. <i>SUSTANTIVO COMUM</i>, a que tambem chamam <i>apelativo</i>, é aquele, que significa uma coiza, ou pessoa incerta, porque se pode aplicar a muitas semelhantes: v. g. <i>Urbs</i>, cidade: <i>Homo</i>, homem. [...] II. <i>ADJECTIVO</i> é aquele, que significa a qualidade da coiza significada pelo nome substantivo, mas significa esa qualidade com dependencia da dita coiza, isto é, significa por um modo dependente, de sorte que por si so nam pode fazer com o verbo um sentido perfeito; mas deve ter claro, ou occulto o sustantivo de quem depende, para significar perfeitamente (pp. 5-6).</p>
Verbo	
<p>A) Caraterização O Verbo he voz, que arbitrariamente significa com tempo a sua forma e não se declina por casos. Do verbo assignaõ os Grammaticos varios gêneros, ou classes, em que elle se divide [...].</p>	<p><i>VERBO</i> é uma palavra, com que afirmamos uma coiza de outra (p. 69).</p>

<p>B) Verbo pessoal / impessoal Verbo Pessoal, dizem alguns, he aquelle, que tem todas as pessoas em ambos os numeros [...]. Verbo Impessoal aquelle, que ordinariamente carece da primeira, e segunda pessoa de ambos os numeros, e da terceira do plural: assim como <i>Poenitet, Curritur</i> [...]. A sentença, ou modo de explicar mais rigoroso, mas muito plausivel entre os Modernos, só admite, e chama pessoal ao verbo posto no modo finito, assim como <i>Laudo</i>: impessoal, ao verbo posto no modo infinito, assim como <i>Laudare</i> (pp. 123-124).</p>	<p>O verbo <i>Infinitivo</i> rigorosamente é <i>impesoal</i>: porque nem significa nenhuma determinada pessoa, que fasa a dita asám: mas pode-se ajuntar a todas as pessoas assim do singular, como do plural (p. 72, n.ª 7).</p>
<p>C) Subcategorização i) Verbo regular; verbo irregular ou anómalo. ii) Verbo pessoal; verbo impessoal. iii) Verbo substantivo; verbo adjetivo. iv) Classes do verbo adjetivo: verbo ativo; verbo passivo; verbo comum; verbo neutro, verbo comum; verbo depoente. v) Verbo incoativo; verbo meditativo; verbo frequentativo ou iterativo (pp. 123-127).</p>	<p>i) Verbo ativo; verbo passivo. ii) Classes do verbo ativo: neutro; comum; depoente. iii) Classes do verbo passivo: substantivo; adjetivo (pp. 69-71). [“As outras especies de Verbos mais necessarias se podem reduzir a estas [às anteriores]” (p. 71, n.ª 5) → iv) regulares; irregulares ou anómalos]; v) incoativos; frequentativos; meditativos ou desiderativos; diminutivos [“Advertem porem os Gramaticos, que estas 4. especies ultimas se tomam muitas vezes nos significados dos seos Primitivos” (p. 71, n.ª 5).]</p>

Tabela 3 – Caraterização e tipologia do nome e do verbo

Relativamente à caraterização do nome, os traços semânticos que se observam nas definições parecem ter sido inspirados na *Grammaire générale et raisonnée* dos mestres de Port-Royal (1660: 30-36). O mesmo pode ser dito da subcategorização, apresentada nas duas obras, do nome em substantivo e em adjetivo, e do substantivo em próprio e em apelativo ou comum. Já nos critérios de descrição do verbo, podemos, como foi acima dito, notar claras diferenças no *Novo methodo* e na *Gramatica latina*: no manual de Figueiredo, os traços são predominantemente morfológicos (+tempo/–caso); a fonte pode ter sido, de novo, alguma das gramáticas do Brocense<sup>13</sup> e de Scioppius<sup>14</sup>. Por

<sup>13</sup> “Verbum est vox particeps numeri personalis cum tempore. Ex his differentiis oritur coniugatio” (Sánchez de las Brozas 1576 [1562]: 4).

<sup>14</sup> “*Quid est verbum?* / Es vox particeps numeri personalis cum tempore, id est, quae numerum, personam & tempus habet (Scioppius 1659 [1628]: 7). Neste ponto, os dois autores parecem distanciar-se de Vossius, para o qual o verbo “est dictio variabilis, quae agere, pati, vel esse, significat” (1660 [1628]: 90).

sua vez, Verney, talvez de maneira mais coerente do que Figueiredo, opta por se servir de novo de um traço semântico como o da afirmação, elemento nuclear, como é bem sabido, na caracterização do verbo na gramática geral de Port-Royal<sup>15</sup>. Relativamente às propostas – divergentes, em maior ou menor medida, nas duas obras – de tipologia verbal, importa salientar o facto de, no *Novo methodo* de Figueiredo, a abordagem racionalista se desenvolver de forma mais mitigada do que a proposta que se regista na gramática de Verney. Por exemplo, no que toca à primeira classificação do verbo em pessoal e impessoal, Figueiredo oferece deste último tipo duas definições radicalmente diferentes: a primeira é formulada no plano da gramática normativa, identificando o verbo impessoal com certas formas conjugadas em terceira pessoa; mas, logo a seguir, apresenta, na esteira da doutrina racionalista, uma caracterização diferente, para a qual a única forma do verbo impessoal é o infinitivo<sup>16</sup>.

No que toca aos conceitos relativos à sintaxe, são também detetadas certas divergências entre as gramáticas em estudo – das quais tratámos num estudo recente (Ponce de León, 2018) –, de acordo com o confronto realizado na Tabela 4:

Figueiredo 1753	Verney 1758
Caraterização da noção de sintaxe e estruturação	
<p>Esta palavra <i>Syntaxe</i> he Grega, e significa o mesmo que a Latina <i>Constructio</i>: isto he, huma construcção recta, ou composição bem ordenada das partes da Oração entre si. Esta <i>Syntaxe</i> ou he Concordancia, ou de Regencia (p. 1).</p>	<p>SINTAXE, ou CONSTRUISAM é certa uniam do Nome, Verbo, Particulas, ou das partes, que podem entrar na orasam Latina, segundo o uzo e costume da dita lingua [...]. A <i>Syntaxe</i> ou é regular ou Figurada</p> <p>SINTAXE REGULAR é certa uniam de partes da orasam segundo as regras comuas da Arte.</p> <p>SINTAXE FIGURADA é certa uniam de partes da orasam, que parece contraria às regras da Arte, mas é segundo o que fizeram os melhores autores Latinos, a que chamam autores Clasicos (p. 157).</p>

<sup>15</sup> “Et c’est proprement ce que c’est que le verbe, *un mot dont le principal usage est de signifier l’affirmation* (Arnauld & Lancelot 1660: 90).

<sup>16</sup> Como aliás, quase século e meio antes, tinha feito Amaro de Robredo nas suas obras gramaticais (Ponce de León, no prelo).

Categorias sintáticas analisadas		
Syntaxe regular		
Concordância	Regência	Syntaxe de <i>partículas</i> e de outras construções
nominativo + verbo; acusativo + infinitivo	[Do nominativo <i>Verney</i> ]	Do advérbio
adjetivo + substantivo [relativo + antecedente <sup>1</sup> ]	[Do vocativo <i>Verney</i> ]	Da conjunção
	Do genitivo	[Da interjeição <i>Verney</i> ]
	Do dativo	[Construções de ablativo e acusativo não regidas <i>Figueiredo</i> ]
substantivos apostos	Do acusativo	[Das preposições que regem acusativo e ablativo <i>Figueiredo</i> ]
	Do ablativo	

Tabela 4. A sintaxe em Figueiredo e Verney

Com efeito, um primeiro traço diferenciador, na *Parte II* do *Methodo* de Figueiredo, é a omissão da sintaxe figurada; em Verney<sup>17</sup>, por seu turno, notamos uma *manutenção atenuada* desta distinção, dado que, na *Gramatica*, as figuras de construção são apresentadas brevemente e de forma preliminar (Verney 1758: 160-164). Por outro lado, de acordo com a Tabela 4, observa-se que as estruturas analisadas na sintaxe regular não coincidem totalmente nas duas gramáticas: na de Verney, nos capítulos que versam sobre a regência, é exposta a construção do nominativo e do vocativo, se bem que o autor esclareça que se trata de casos não regidos<sup>18</sup>. Quanto à terceira parte do livro sintático – a descrição sintática das classes indeclináveis –, Figueiredo trata de certas construções (construções de ablativo e de acusativo “não regidas”, e regência de certas preposições), ausentes na descrição gramatical de Verney, o que se poderá analisar como uma aproximação do autor oratoriano à gramática escolar anterior.

<sup>17</sup> A ausência da sintaxe figurada no *Methodo* de Figueiredo percebe-se melhor se tivermos em conta a obra que, anos depois, o oratoriano deu aos prelos sobre esta matéria, intitulada *Figuras da syntaxe latina, explicadas e ilustradas [...]* segundo os princípios de Linacro, Sanches, Vossio, e Perizonio, *principis da grammatica moderna* (Lisboa 1761).

<sup>18</sup> No que toca ao nominativo, a inclusão nesta parte é motivada pela característica sintática de caso não regido mas *regente*: “O *Nominativo* foi inventado para significar o *Agente da orasam*. E assim nam é regido por alguma parte, mas pode-se chamar o regente de toda a orasam (Verney 1758: 180). Já no que se refere ao vocativo, o seu desenvolvimento parece justificar-se menos, dado que não é caso nem regido, nem regente, se bem que se sublinhe a sua característica de elemento que pode sempre ser inserido em orações de tipo apelativo: “O Vocativo nam é regido por alguma parte da orasam. Mas pode-se por em toda a orasam, em que se fala diretamente com alguém (Verney 1758: 183-184).

Interessa ainda realçar a divergência sobre o emprego das expressões metalinguísticas. É apresentada, a modo de ilustração, a matéria sobre o que modernamente designamos como sujeito e complemento direto:

Figueiredo 1753	Verney 1758
<p>O verbo do modo finito PEDE ANTES DE SI NOMINATIVO<sup>19</sup>, claro ou occulto, do mesmo numero e pessoa (p. 3).</p> <p>O Verbo activo de qualquer terminaçaõ, que seja, PEDE e REGE DEPOIS DE SI ACCUSATIVO da pessoa ou cousa, a que se dirige a açcaõ do sujeito (p. 23).</p>	<p>O Verbo concorda em numero, e pesoa com o AGENTE da orasam [...].</p> <p>Aindaque o Verbo concorde com o AGENTE da orasam, nem sempre se exprime o tal AGENTE, porque se entende muito bem do contexto (p. 175).</p> <p>O <i>Acuzativo</i> foi inventado para significar duas coizas. 1. O <i>PACIENTE</i> da orasam. 2. As <i>CIRCUNSTANCIAS</i>, que <i>acompanham necessariamente ao paciente</i> (p. 198).</p> <p>O <i>Acuzativo</i> quando significa o <i>PACIENTE</i> da orasam, é <i>REGIDO</i> pelo verbo Ativo ou finito, ou infinito (p. 200).</p>

Tabela 5. Em torno do uso de expressões metalinguísticas.

De acordo com os preceitos sintáticos reproduzidos na Tabela 5, podemos inferir que Figueiredo se serve de terminologia mais próxima à tradição gramatical normativa, na esteira, provavelmente, da *Nouvelle méthode*, de Claude Lancelot, embora também apareça na tradição gramatical alvaresiana. Verney, por seu turno, através do uso rigoroso das expressões metalinguísticas, parece distinguir entre caso e função sintática (no quadro reproduzido acima, *nominativo / agente; acusativo / paciente; circunstâncias que acompanham ao paciente*). A preocupação pelo rigor no emprego da metalíngua é tal que Verney apresenta, no início do livro sintático, um glossário de termos sintáticos – alguns pertencentes à tradição gramatical, mas outros que parecem ter sido criados para o efeito –, utilizados pelo autor (Verney 1758: 158-159).

Importa, enfim, realçar o facto de, no plano sintático, a penetração da doutrina da gramática filosófica ser diferente, no confronto das duas

<sup>19</sup> Os versaletes, na presente tabela, são da nossa autoria.

gramáticas: no *Novo methodo* de Figueiredo, certas estruturas não são explicadas como habitualmente o fazem as gramáticas filosóficas, ao passo que, na de Verney, a abordagem logicista é constante. Um exemplo de tal é a construção de certos verbos com dois acusativos:

Figueiredo 1753	Verney 1758
<p>Alguns Verbos dos que significaõ <i>ensinar</i>, ou <i>avisar</i>, assim como <i>Doceo</i>, <i>Edoceo</i>: alguns dos que significaõ <i>admoestar</i>, assim como <i>Moneo</i>, <i>Admoneo</i> [...]: além do accusativo da pessoa, admittem outro accusativo da cousa [...]. Este segundo accusativo da pessoa junto aos Verbos <i>Gelo</i>, <i>Interrogo</i>, <i>Moneo</i>, <i>Admoneo</i>, <i>Commoneo</i>, <i>Doceo</i>, <i>Edoceo</i>: pôde mudarse para ablativo com a preposição <i>de</i> (p. 24).</p>	<p>Podem-se dar a certos verbos Ativos dois acusativos, um da pesoa, e outro da coiza. Mas somente o da pesoa é paciente regido do verbo: e o da coiza é regido de uma prepozisam oculta por Elipsi: e pertence ao fim (p. 205).</p>

Tabela 6. Explicação sintática da construção com duplo acusativo.

Dos trechos apresentados na Tabela 6 sobre as estruturas com duplo acusativo, podemos ver que Figueiredo apenas descreve o facto sintático e estabelece uma correspondência com o segundo acusativo (a construção de ablativo precedido da preposição ‘de’); pelo contrário, Verney explica este fenómeno através da distinção da noção de caso e de função, desempenhando apenas um dos acusativos a função de *paciente* – o outro deve explicar-se por meio da elisão de uma preposição; a propósito deste último elemento, estaríamos, portanto, perante as *cirtunstancias que acompanham ao paciente* –.

### 3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na conclusão do presente trabalho, gostaríamos de enfatizar o facto de as obras objeto deste estudo assinalarem um *terminus post quem* na gramaticografia latino-portuguesa, porquanto nelas é sistematizada a doutrina dos autores mais importantes da corrente filosófica. Interessa, ainda, evidenciar – como fizemos recentemente (Ponce de León, 2018) – a extraordinária repercussão que estes dois textos metagramaticais tiveram nos tratados gramaticais publicados na segunda metade do século XVIII. Por outro lado, as divergências de critérios na elaboração



metagramatical mostram a forma como as duas obras se enquadram no contexto sociopedagógico. Parece-nos clara, enfim, a importância do aparecimento editorial do *Novo methodo da grammatica* de António Pereira de Figueiredo e da *Gramatica latina* de Luís António Verney, não apenas para a história das ideias linguísticas em Portugal, como também para o estudo da história da pedagogia do latim no século XVIII.

## REFERÊNCIAS

Andrade, A. B. de 1981. *A reforma pombalina dos estudos secundários (1759-1771). Contribuição para a história da pedagogia em Portugal*. Coimbra: Por ordem da Universidade.

Arnauld, A.; Lancelot, C. 1660. *Grammaire générale et raisonnée*. Paris: Pierre le Petit.

Figueiredo, A. P. de 1752. *Novo methodo da grammatica latina, para o uso das Escólas da Congregação do Oratorio [Parte I. Dos elementos, e partes da oração latina]*. Lisboa: Miguel Rodrigues.

Figueiredo, A. P. de 1753. *Novo methodo da grammatica latina, para uso das Escolas da Congregação do Oratorio [Parte II. Da syntaxe]*. Lisboa: Miguel Rodrigues.

Freire, A. 1964. A ‘Gramática latina’ do padre Manuel Álvares e os seus impugnadores. In: Anselmo, Artur; Rodrigues, Sebastião (Dir.). *As grandes polémicas portuguesas*. Lisboa: Verbo, vol. I, 333-399.

Kemmler, R. 2013. Para uma melhor compreensão da história da gramática em Portugal: a gramaticografia portuguesa à luz da gramaticografia latino-portuguesa nos séculos XV a XIX. *Veredas. Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*. 19: 145-176. Disponível em [https://digitalisdsp.uc.pt/bitstream/10316.2/34567/1/Veredas19\\_artigo9.pdf?ln=pt-pt](https://digitalisdsp.uc.pt/bitstream/10316.2/34567/1/Veredas19_artigo9.pdf?ln=pt-pt), acessado em 05/10/2018.

Kemmler, R.; Coelho, S.; Fontes, S. 2014. O “Prologo aos que lerem o *Novo Methodo da Grammatica Latina*” de António Pereira de Figueiredo (1725-1797) e a sua importância para a historiografia linguística portuguesa. *Revista Portuguesa de Humanidades. Estudos Linguísticos*. 18.1: 41-56.

Kemmler, R., Coelho, S.; Fontes, S. 2016. Antonio Pereira de Figueiredo’s “Prologo aos que lerem o *Novo Methodo da Grammatica Latina*” and his thoughts on Manuel Alvares’ Latin grammar. *Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft*. 26.2: 207-228.

Lupetti, M. 2015. A gramática racionalista em Portugal no século XVIII. In: Duarte, Sónia; Ponce de León, Rogelio (Orgs.). *A Gramática Racionalista na Península Ibérica (Séculos XVI-XIX)*. Porto:

Faculdade de Letras da Universidade do Porto; Centro de Linguística da Universidade do Porto, 55-71. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/15325.pdf>, acessado em 05/10/2018.

Mañas Núñez, M. 2010. Sanctius y Scioppius. *Humanistica Lovaniensia*. 59: 125-149.

Padley, G. A. 1976. *Grammatical theory in Western Europe. 1500-1700: the Latin Tradition*. Cambridge; New York: Cambridge University Press.

Ponce de León, R. 2001. El Álvarez en vernáculo: las exégesis de los *De institutione grammatica libri tres* en Portugal durante el siglo XVII. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série Línguas e Literaturas*. 18: 317-338. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3043.pdf>, acessado em 05/10/2018.

Ponce de León, R. 2005. *Aproximación a la obra de Manuel Álvares: edición crítica de sus De institutione grammatica libri tres*. Madrid: Universidad Complutense. Servicio de Publicaciones. Disponível em <http://eprints.ucm.es/5134/>, acessado em 05/10/2018.

Ponce de León, R. 2018. La théorie syntaxique dans la grammaticographie latino-portugaise de la deuxième moitié du XVIIIe siècle. *Dossiers d'HEL: Aspects historiques des grammaires portugaises et brésiliennes*, SHESL, 12. 26-43.

Ponce de León, R. no prelo. Los verbos impersonales en la gramaticografía portuguesa de los siglos XVI y XVII. (a la luz de la gramaticografía latino-ibérica). *Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft*. 28.2.

Rademaker, C. S. M. 1988. Gerardus Joannes Vossius (1577-1649) and the study of Latin Grammar. *Historiographia Linguistica*. 15.1/2: 109-128.

Sánchez de las Brozas, F. 1576 [1562]. *Verae brevesque grammatices latinae institutiones*. Salamanca: Matías Gast.

Sánchez de las Brozas, F. 1995 [1587]. *Minerva o de cuspis linguae latinae*. Sánchez Salor, Eustaquio; Chaparro Gómez, César (Eds.). Cáceres: Institución Cultural “El Brocense”; Universidad de Extremadura, Servicio de Publicaciones.

Sánchez Salor, E. 2012. *La gramática en Europa durante el siglo XVII. Dispersión doctrinal*. Alcañiz: Instituto de Estudios Humanísticos; Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Cáceres: Universidad de Extremadura, Servicio de Publicaciones; Zaragoza: Universidad, Servicio de Publicaciones; Teruel: Instituto de Estudios Turolenses.

Scaliger, G. C. 1540. *De causis linguae latinae libri tredecim*. Lyon: Sebastian Gryphus.

Scioppius, G. 1659 [1628]. *Grammatica philosophica*. Amsterdam: Jost Pluymer.

Silva, A. D. da (Comp.) 1848. *Supplemento á collecção de legislação portugueza do desembargador Antonio Delgado da Silva pelo mesmo. Anno de 1750 a 1762*. Lisboa: Luís Correia da Cunha.

Silva, I. F. da 1858. *Diccionario bibliographico portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, t. 1.

Verdelho, T. 1995. *As origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas*. Aveiro: Instituto Nacional de Investigação Científica.

Verney, L. A. 1746. *Verdadeiro metodo de estudar para ser util à Republica, e à Igreja*. Valensa [?]: Antonio Balle [?]. 2 vols.

Verney, L. A. 1758. *Gramatica latina tratada por um metodo novo, claro, e facil. Para uzo daquelas pesoas, que querem aprendela brevemente, e solidamente*. Barcelona [?]: s. n.

Vossius, G. I. 1660 [1628]. *Latina grammatica*. Amsterdam: Jan Janszoon.

Vossius, G. I. 1685 [1635]. *De arte grammatica libri septem*. Amsterdam: Willem Blaeu.